

CIDADÃO RGE Há cinco anos, Mariza Borges se dedica ao voluntariado na Scan

# Vendedora de solidariedade

**Dona de casa atua atrás do balcão de um brechó em instituição que atende a idosos**

CRISTIANE BARCELOS

**Caxias do Sul** – Há cinco anos, a dona de casa Mariza Borges, 53 anos, cumpre a mesma tarefa nas tardes de quinta-feira. Toma um ônibus no bairro Jardim Eldorado, na zona norte da cidade, e se desloca até a Associação Caxiense de Auxílio aos Necessitados (Scan), no Centro. Lá, esbanja simpatia ao atender aos já conhecidos clientes que compram roupas usadas na lojinha montada dentro da instituição. E Mariza não ganha nada por isso. Ou melhor, re-

cebe muito mais do que qualquer valor monetário:

– Sei que assim estou ajudando aos outros e ajudando a mim também.

Uma vez por semana, entre 14h e 17h, não adianta convidá-la para qualquer outra tarefa: passear, fazer compras, conversar com as amigas. As três horas semanais são dedicadas somente ao voluntariado. O número de vezes em que faltou ao compromisso não esgota os dedos de uma mão. Segundo ela, em cinco anos, não deixou de fazer seu trabalho por mais de três ou quatro dias:

– Há (cerca de) um mês, quebrei a mão, aí não pude ir. Mas senti muita falta, já tenho amigas que vão lá na lojinha. Às vezes elas nem vão para comprar, mas para conversar. Se

gostam de alguma coisa, claro, aproveitam e compram – diz Mariza.

No brechó, montado em uma pequena sala dentro da sede da Scan, a voluntária se desdobra entre organizar e mostrar as peças aos interessados. São roupas e sapatos doados e revendidos por preços simbólicos – algumas chegam a custar R\$ 0,50. Mariza tem orgulho da ação que pratica. Ela não atua diretamente com os idosos que frequentam a instituição, tampouco conhece todos eles. Mas sabe que o pouco arrecadado com cada peça vendida é importante, já que todo o lucro é revertido para a instituição.

Dedicada, ela não esquece da importância de disseminar o valor do voluntariado. Por isso, sempre incentiva o único filho, Djones Borges, 31, a colaborar.

– As pessoas aqui do bairro já sabem que eu faço esse trabalho na Scan, então elas trazem as doações aqui (na casa dela). Se é pouco, eu levo de ônibus, mas quando é muita coisa, meu filho me ajuda, levando tudo no carro dele – conta, orgulhosa.

Mariza não se dedica às causas nobres apenas um dia na semana. Na verdade, ela nunca para. Na semana passada, conta, deslocava-se

com uma amiga para um clube de mães no bairro Dezorzi quando encontrou roupinhas de bebê jogadas ao chão, perto de uma lixeira na rua. E não hesitou:

– Pedi uma sacola para uma conhecida, juntei tudo e trouxe para casa. Imagina, são roupas boas, tem camisetinhas, conjuntinhos. Vou lavar tudo e, assim que aparecer alguma mulher grávida por aqui e que esteja precisando, vou doar.

Faça chuva ou sol, frio ou calor, a rotina não muda: às 14h de toda quinta-feira, Mariza está na lojinha da Scan.

– Vou e volto de ônibus e não me canso. Sei que estou fazendo bem aos outros, e a mim também – afirma.

cristiane.barcelos@pioneiro.com



MAIS

Participe

Comente esta reportagem e sugira novas matérias sobre voluntariado pelo e-mail leitor@pioneiro.com. O projeto Cidadão RGE é composto de 12 reportagens. No final do ano, você poderá votar e escolher a melhor história.

DEDICAÇÃO

Uma vez por semana, a voluntária se desloca de ônibus do bairro Jardim Eldorado, onde mora, até o Centro, para vender peças de roupas e calçados e ajudar instituição

## Lojinha precisa de roupas e calçados

Mariza acredita que vender as peças a preços simbólicos tem uma relevância:

– As pessoas dão muito mais valor às coisas que elas compram, mesmo que seja baratinho – entende.

Entretanto, ela lamenta o baixo estoque de roupas e calçados à venda. Para a voluntária, se houvesse maior variedade, as vendas po-

deriam ser maiores e, conseqüentemente, a quantia revertida à instituição.

Para a coordenadora técnica e assistente social da Scan, Alda Lundgren, o trabalho de Mariza é reconhecido, assim como dos demais voluntários que prestam algum tipo de auxílio à entidade.

– São todos incríveis. A Mariza foi traba-

lhar até quando ainda não estava bem recuperada (quando havia quebrado a mão). Por isso às vezes nos preocupamos, mas ela gosta de vir – diz.

A Scan atende a cerca de 170 idosos. O objetivo é, por meio de assistência social e atividades como palestras, evitar que eles sejam encaminhados para asilos. Conforme

Alda, os atendimentos são feitos na sede da entidade e, quando não há possibilidade de o idoso se deslocar, é feita visita à residência.

O dinheiro arrecadado na lojinha da Scan é revertido ao trabalho com esses idosos. Doações de roupas e calçados podem ser entregues na sede, na Rua Pinheiro Machado, 2.442, sala 1.